

JORNAL RELIGIOSO, POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS FEIRAS E SEXTAS.

Redactor e editor responsavel — O Bacharel ANTONIO MARIA PINHEIRO FERRO.



Assignatura para a cidade — Anno 400 rs. — Semestre 240 rs. = Para as provincias — Anno 800 rs. — Semestre 480 rs. — Folha avulsa 3 rs. = Anuncios 25 rs. por linha — repetição 20 rs. = Escriptorio: — Rua de S. João n.º 2, C.

TERÇA FEIRA 23 DE JULHO

BRAGA 24 DE JULHO

O GOVERNO ESTÁ MORIBUNDO

Tudo se revolta contra o pobre enfermo; por que a molestia é de morte.

As aves carnivoras já pairam sobre o cadaver do ministerio, que servirá de pasto a tanto faminto da governação.

E não tardarão de certo a lacerar aquelle putrido corpo, que ha muito devera estar sepultado.

O governo conhecendo que está proximo a dar o ultimo suspiro chamou em seu soccorro todos aquelles que lhe devem tributar as honras funerarias.

O partido historico que até agora tem estado ao lado do governo por conveniencia vai experimentar as forças da sua phalange.

A primeira questão em que decerto o governo vai ter um grande dissabor é a da presidencia da camara dos snrs. deputados.

Os historicos preparam-se para eleger presidente o snr. Anselmo José Braamcamp, contrariando assim a vontade do sr. de Bolama que deseja a eleição do snr. Correia Caldeira.

Outra questão em que o partido historico deseja mostrar ao governo o seu desgosto é sobre a verificação de poderes relativos ás eleições de Villa Verde, Monção e Mirandella.

Se os ultimos momentos do ministerio lherem tempo para sahir d'estes embaraços decerto não escapará da questão de fazenda, que o partido historico quer discutir immediatamente, e que na verdade não póde nem deve adiar-se.

E' natural que o partido historico em qualquer d'estas questões tenha o apoio do partido regenerador com quem tem estado unido; e até das outras parcialidades que desejam derribar tão anomala situação.

Além d'isto as ultimas noticias, das nossas colonias são lamentaveis, e só por si seriam bastante para abalar um ministerio que tivesse algum vigor quanto mais um que tem vivido unica e exclusivamente da especulação dos diversos partidos.

Segundo o que d'essas noticias se conclue estamos muito arriscados a perder uma grande parte d'ellas, e isto pela incuria e desleixo dos governos, que teem presidido aos destinos d'esta infeliz nação.

E' n'estas condições que a governação actual se acha, e das quaes será impossivel sahir sem que se entregue o poder a quem melhor saiba usar d'elle.

Não temos esperanças de melhorar de sorte; porque os interesses dos partidos são sempre postos acima dos interesses do paiz.

Não ha principios politicos; mas sim intereses pessoas e d'ocasião, contribuindo esta politica para a pouca força dos partidos e descrença completa dos homens e da sua politica.

Em todo o caso é preciso sahir d'este estado desgraçado em que nos achamos. Substituir este governo por outro, e isto successivamente até que se encontre quem nos administre de modo que satisfaça ás justas aspirações do povo.

Venha pois quem nos livre d'este marasmo governativo, qualquer que seja a sua procedencia; mas venha com resolução de seguir o verdadeiro caminho, encetando uma nova epocha nos fastos governativos.

Venha quem mostre ao povo que o suor do seu rosto não é mal applicado, e que ainda por cima é escarnecido.

Venha finalmente quem não peça ao povo o que não póde nem deve pedir, e quem lhe proporcione os meios necessarios para se tornar um valioso contribuinte; e bem diremos esse governo qualquer que elle seja.

F.

Dizia Millot: Dizer o que se pensa!

Esta liberdade é muito util ás nações, quando se encerra em limites justos.

Ainda bem que podemos fallar livremente, contra estes governos ineptos que desde 1834 nos regem. Que teem feito estes diplomatas liberaes? Como se acha a nossa divida publica?

O que têm feito? Têm feito de Portugal uma meza ministerial aonde todos tem comido, engordado e descansado; onde se fazem saudes ao interesse pessoal, onde o bem da patria serve apenas de discussão zombeteira e irrisoria.

Como se acha a nossa divida publica? Olhae: contemplaes por um segundo aquella massa compacta de algarismos que augmenta de volume prodigiosamente, que haveis de empallidecer de susto.

E sabeis a que se deve esta desordem, este chaos?

A estes senhores que se dizem liberaes, que fazem da constituição um alfarrabio velho, mutilando-o aqui e acolá, commettendo emfim toda a sorte de abusos, sem que vós saibaes soltar um grito geral de indignação, para dar um corte decisivo aos males que nos opprimem.

E chamam-se liberaes!

Liberal é aquelle que seguindo constantemente as doutrinas do Divino Mestre, espalha com rigorosissima imparcialidade os premios e os castigos. Liberal é aquelle que não prostitue a heroica memoria do rei-soldado, que não calca aos pés as leis que a sua intelligencia nos deu, que firme emfim nos principios nobres e justos do primeiro liberal, não transige jámais com a corrupção e com os abusos.

E' assim que entendemos o liberalismo, foi assim que nossos paes nol-o ensinaram.

Talvez nos censurem por esta franqueza que nos caracteriza; mas embora, não sabemos fallar d'outra maneira, somos liberaes convictos, despresamos a mascara da hypocrisia, fallamos de viseira erguida.

Ninguem, mais que nós, lamenta as desgraças d'esta nobre terra, d'este ninho de heroes collossaes que levaram aos confins do Oriente o sagrado estandarte das Quinas. Se o povo nos escutasse, se elle se não deixasse corromper por os nossos saltimbancos politicos, talvez que o mal diminuise.

Assim deixemos isso nas mãos da Providencia; ella que vele sobre os nossos destinos.

Braga 23 de julho de 1871.

* * *

A GLORIA DO ARTISTA

Não será com os assombrosos thesouros dos Cresos, que venceremos os Cyros.

Não será tambem com bailes, passeios e risinhos aristocraticos, que se hade salvar este esterquilino do Portugal d'outrora. Será com as Artes, com a industria e com o commercio.

Quando um povo comprehende qual é sua missão na terra, quando um povo trabalha dia e noite para se elevar a si e á terra que o viu nascer, esse povo tarde ou nunca cairá.

E porque não acontece assim em Portugal? Porque o nobre — estatua d'orgulho e preconceitos — em vez d'estender mão amiga ao artista, ao filho do trabalho que procura aperfeiçoar-se, tracta-o sempre com desdem, preferindo o estrangeiro só porque este tem o titulo pomposo de francez ou inglez.

O artista em Portugal representa a classe desprotegida: isto é a classe sem recursos sem previ-

legios, — a não ser os de algum insulto — sem esparança e sem futuro.

Perante a aristocracia de sangue azul e a numismatica, artistas que trabalhaes incessantemente para o engrandecimento da humanidade, sois apenas os párias da sociedade.

Para os homens de bem, para os verdadeiros liberaes, sois o nervo da nação, o coração da patria que estrebucha e vive ainda á custa dos vossos esforços, da vossa dedicação patriotica.

O conquistador de Le Bailly, dizia, apontando para as cidades que os seus soldados tinham arruinado: que bellos titulos de gloria! que imponencia! que magestade!

Vós podeis fallar, podeis dizer com mais razão ainda, apontando para o sinzel, escôpro e malho: eis o pão de meus filhos, eis a minha gloria!

Braga 23 de Julho de 1871.

* * *

CORRESPONDENCIAS

Snr. redactor

Tendo V. fundado n'esta terra um jornal, denominado *O Artista* para advogar os interesses da minha desprotegida classe não posso de modo algum deixar de significar a V. o meu reconhecimento por tão importante serviço prestado á classe artistica.

Não deixe V. o caminho que incetou e todos os Artistas o reconhecerão como seu bemfeitor e protector.

Não pôde por enquanto a classe artistica elevar ao maximo grau de perfeição os seus productos; por que lhe faltam os elementos necessarios para isso.

Quando porém V. lhe abrir a sua aula e ali os educar convenientemente, então o Artista conhecerá a grande vantagem que cada ramo da arte pôde tirar da instrução que V. lhe pôde ministrar.

Quando os governos cumprindo com os seus deveres auxiliarem as artes, ministrando-lhes as machinas e instrumentos proprios para o seu desenvolvimento e aperfeiçoamento, então os Artistas mostrarão que podem fazer rivalisar os seus productos com os estrangeiros.

Quando o espirito nacional se desenvolver a ponto de que os productos do nosso paiz sejam preferidos aos estrangeiros então os Artistas mostrarão que não só podem competir com o estrangeiro; mas até excedel-os.

No estado actual não admira que alguém diga que os Artistas não são susceptiveis de aperfeiçoamento moral intellectual e artistico; por que na verdade os homens que podiam e deviam contribuir para o florescimento d'esta classe nenhum auxilio lhe teem dado.

Uma nova epocha porém foi inaugurada com a

publicação do *Artista* e com a aula que brevemente V. lho vai abrir.

Passando algum tempo veremos se os Artistas são ou não capazes de aprender o que se lhes ensinar e de fazer d'esses conhecimentos um bom uso.

Apezar dos Artistas portuguezes não terem até hoje tido a protecção que deviam ter, ainda assim temos algumas artes tão desenvolvidas que não envergonham o paiz que as cultiva; sendo isto mais resultado da intelligencia e habilidade do Artista, do que da instrucção e educação.

Resumindo direi; se querem que as artes se desenvolvam e progridam n'esse caminho, instruam, auxiliem e animem esta tão numerosa, como infeliz classe e verão até ao ponto a que chegam as artes no nosso paiz.

Um filho do trabalho.

NOTICIARIO

Festividade. — Teve lugar no domingo, 23 do corrente, a festa em honra do Senhor Ecce-Homo, na igreja dos Congregados. Prégou por essa occasião o revd.^o Abbade de Requião. Foi armador o sr. José Antonio da Silva.

E' inutil dirigirmos palavras d'animacão, a este habil artista. O templo achando-se vistosamente decorado, recommendava-se essencialmente pelo bom gosto e novidade.

Outra. — Hontem, 24 do corrente, festejaram-se na rua da Boa-Vista, as vespas do apostolo S. Thiago.

Houve uma illuminacão esplendida.

Tocou por essa occasião a banda dos Artistas, que, a despeito dos invejosos não cahirá, antes a veremos surgir cada dia mais cheia de vida.

Hoje de tarde haverá leilão de prendas.

Trica eleitoral. — Segundo nos consta o regedor de S. Victor, aconselhado por seu irmão, nomeou um batalhão de cabos de policia.

Depois foi o conselheiro do regedor de porta em porta dizer aos cabos que se queriam ficar livres haviam de votar em seu irmão, regedor.

Por este e por outros meios é que por ahi temos tanta importancia eleitoral!!

Escriptorio eleitoral. — Segundo nos informam, uma das potencias mais notaveis da freguezia de S. Victor apoiada na auctoridade de seu irmão e de outras pessoas que tem valimento abriu o seu escriptorio eleitoral.

N'aquelle estabelecimento se dará expediente a todas as pretensões possiveis e imaginaveis, e inclusivamente até ás impossiveis.

Quem quizer aproveitar-se do tal importante estabelecimento terá unicamente de dar o seu voto ao irmão do dono do estabelecimento.

Demissão. — Segundo nos diz pessoa bem informada, vae o districto de Braga ficar de lucto em virtude da demissão do sr. governador civil.

Esta sentença parece irrevogavel, apezar de sua exc.^a ter o pae alcaide. Pela nossa parte damos os sentimentos ao districto pela perda de tão notavel varão.

Corro a salvar-te. — Partiram de Braga no sabbado de tarde quatro paes da patria, que decerto correm a salva-la.

Entre elles deve notar-se principalmente o deputado por Braga, que costumando abandonar os interesses dos seus constituintes pelos de Montariol, d'esta vez não seguiu o mesmo trilho.

Não admira porém que assim procedesse; por que se tratava de salvar seu pae, o *Snr. de Bolama*, que, segundo dizem, está proximo a dar com a caranguejola ministerial em terra.

Serão Communistas? — Diz a *Gazeta do Povo* — Andaram ant'hontem no Passeio da Estrella alguns sujeitos que attrahiram a attenção, porque tinham nas casas dos fraques umas fitinhas roxas, sem que ninguem soubesse se era insignia ou moda.

Falta de limpeza. — Algumas ruas d'esta cidade, estão cheias de immundicie, porque o arrematante da limpeza d'esta importante terra, não cumpre com os seus deveres.

Pedimos a quem compete tome as providencias que julgar acertadas para se evitar a indecencia em que se acham algumas ruas.

Quem quizer averiguar esta verdade deve passar no largo de S. João, e na rua por detraz da hospedaria do sr. Bernardino.

Esperamos ser attendidos.

A illustrissima camara. — Consta-nos que o serviço da fiscalisacão, na Praça Municipal, é muito mal executado pelos *vigias*, que não cumprem com os seus deveres. As regateiras, antes que os particulares se forneçam do que necessitam, compram tudo, tirando assim a faculdade do livre commercio, e obrigando os compradores a pagarem os generos pelo preço que ellas exigem.

Isto é devido de certo á protecção d'aquelles que deviam vellar melhor pelos interesses do povo.

Espeluncas descaradas. — O jogo é o vicio mais pernicioso que se póde imaginar: é a desgraça do pobre e do rico, do ARTISTA e do negociante, e em geral de todas as classes.

Podemos apontar milhares de exemplos para comprovar estas tristes verdades.

Pedimos encarecidamente ao sr. administrador do concelho, e aos srs. regedores e cabos de policia, que ponham cobro a este infernal desaforo, que é a desgraça de muitas familias.

Se a auctoridade cumprisse com o seu dever, não seria necessaria esta recommendação.

A voz da consciencia. — Asseveram-nos que se deu, ha dias, um facto entre o sr. governador civil e um cavalheiro, que se propoz a deputado por um dos circulos do districto, que bem revela o que é o sr. Barbosa Lemos. O cavalheiro era amigo do sr. governador civil, e ás distinctas qualidades como

homem, e até como magistrado, juntava a de ser natural do circulo por onde se propoz,ahi geralmente bem-quisto, e por todos os titulos digno de ser o seu representante no parlamento. Nada d'isto obistou, porém, a que o sr. governador civil, mesmo contra a indicação do ministro, o mandasse guerrear com todas as forças, preferindo o candidato que s. exc.^a tinha escolhido, e inteiramente alheio ao circulo a que era imposto.

Passado o dia da eleição, o sr. Barbosa encontrou-se com o candidato, não derrotado, mas miseravelmente guerreado, e, cedendo á voz da consciencia, confessou-lhe que não tinha coragem de lhe falar, porque até... se sentia envergonhado!

«Não tem de que se envergonhar; lhe respondeu aquelle cavalheiro. Perdoo-lhe, porque lhe sei fazer justiça. V. exc.^a não nasceu para governador civil, e, de facto, não o é. Ou é uma machina para subscrever ás ordens da sucia que o cerca—ou obra pela sua cabeça, e, porque não sabe o que faz, não faz senão tolices, que envergonham o logar que occupa e o ministro que o tolera.»

A esta resposta tão severa como verdadeira, o sr. Barbosa Lemos não teve que dizer, e apenas exclamou: «Tem razão: não nasci para governador civil!» Era a voz da consciencia.

Bazar. — Teve logar no sabbado, no domingo e segunda feira o leilão de prendas em honra da imagem do Senhor Ecce-Homo que se venera nos Congregados. A concurrencia foi muito regular.

Tocou por sssa occasião a Philarmonica Bracarense.

Preço de carne. — E' bastante elevado o preço porque se está vendendo a carne. Tal carestia só se póde attribuir ao arbitrio despotico dos senhores vendedores. Pedimos pois á ill.^{ma} camara, queira de alguma maneira remediar este mal, que tanto afflige a classe pobre.

Schiller e o diploma de nobreza. — Este celebre poeta allemão, tendo recebido do imperador um diploma de nobreza, de que nunca quiz servir-se, um dia mostrando-o a um seu amigo intimo, disse-lhe: vós não sabeis, supponho eu, que tenho sido uma pessoa nobre por muito tempo.

Dizendo isto atirou com o diploma outra vez ao balú com um ar de indifferença.

Schiller sabia perfeitamente que um imperador podia obter honra conferindo-lhe um titulo, porém que elle (Schiller) não a *adquiriria* em acceital-o.

Casa de prostituição. — Existe á esquina da rua do Poço, uma casa de prostituição, que muitas vezes, fóra de horas, dá escandalo á visinbança e aos transeuntes, proferindo todas as obscenidades.

Há dias passou por alli uma familia de fóra, e ouvindo taes obscenidades, disse que n'esta terra não havia policia nem auctoridade.

Que diria o *Bracarense* se o sr. Soares fosse ainda administrador do concelho de Braga?

Ante-hontem, ás 9 horas da noute, renovou-se

o escandalo. Palavras obscenas, pancadaria e faca em punho, eis em resumo o prologo d'aquelle drama. Ás 11 horas houve repetição, e contado o sr. administrador do concelho não teve noticia do facto. Em que lethargia profunda cahiu s. s.^a! Quando despertará?...

Um dos heroes da farga, consta-nos ser um soldado do regimento 8. É brio de sangue, este *descendente* dos heroes do Bussaco, procurava uma mulher de faca em punho.

Ao exm.^o coronel pedimos as necessarias providencias. Em quanto ao sr. administrador... esperaremos.

Aula dos Artistas. — Tem de ser aberta esta aula antes do fim do mez. Todos os artistas do Monte-Pio de S. José que quizerem frequental-a, devem dirigir-se ao snr. Presidente do Monte-Pio, sem o que não serão admittidos.

Transferencia. — O sr. dr. Francisco Manoel da Fonseca Castro, dignissimo juiz de direito d'esta comarca, acaba de ser transferido para a de Ponte do Lima, por haver completado os seis annos de serviço.

Para Braga vem o sr. dr. Ayres Frederico de Castro e Solla, que era juiz de direito em Santo Thyrso.

O sr. Fonseca e Castro deixa geraes sympathias. S. exc.^a juntava ao seu honradissimo character, como juiz, o ser um perfeito cavalheiro, urbano e delicado para com todos.

A comarca de Braga perde um excellente magistrado.

ANNUNCIOS

OBRAS DE LATA BRANCA

1 — ROCIO DE TRAZ DA SÉ — 1

Antonio Francisco de Oliveira, faz saber aos seus freguezes, que além das diferentes obras que na sua loja se encontram tem banheiras de tomar banhos, que aluga por preços muito commodos. (1)

CAFÈ VIANNA

O proprietario d'este accreditado estabelecimento, pede a todos os seus amigos e freguezes, que queiram continuar a honral-o com a frequencia no seu estabelecimento, o especial obsequio de serem servidos na sala do Bilhar, ou de tarde, no *Chalet*: isto desde o dia 1.^o d'agosto até se concluir as obras do salão do mesmo Cafe. (2)

BRAGA — TYPOGRAPHIA LEALDADE — 1871

Rua de S. João n.^o 2 — C.